

AS Profecias do Apocalipse

Prezados irmãos em Cristo,

Após ler o texto que aparece às páginas 158-159 do livro “Em Busca de Identidade”, publicado pela primeira vez em português, no ano de 2005 pela Casa Publicadora Brasileira, iniciei uma série de ações, que descrevo a seguir:

1. Adquiri o livro “As Profecias do Apocalipse” de Uriah Smith, primeira edição editada no Brasil em Português no ano de 1991.
2. Adquiri o livro “As Profecias do Apocalipse” de Uriah Smith, editado em Portugal no ano de 1945, pela Publicadora Atlântico Limitada, Lisboa.
3. Adquiri o livro “Daniel and Revelation” de Uriah Smith, primeira edição de 1897, editado pela Review and Herald Publishing Company, em Batle Creek, Michigan.
4. Após ter em mãos estes livros, fiz uma comparação página por página, comparando a versão Brasileira de 1991, com a versão Portuguesa de 1945. Encontrei 16 textos suprimidos, confirmando assim a versão oficial da igreja, que de fato houve alterações neste livro, e que estas alterações foram feitas a partir de ordens enviadas da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Veja a seguir o texto do livro **Em Busca de Identidade, pág. 159.**

“Surgiu a necessidade de publicar uma nova edição de um livro de Urias Smith, *Daniel and Revelation*. Em março de 1942, o corpo diretivo da Associação Geral e os gerentes das editoras adventistas da América do Norte se encontraram e decidiram que a maior parte do livro permaneceria como Smith havia escrito, mas algumas mudanças deviam ser feitas. Uma delas seria a supressão de declarações antitrinitarianas e semi-arianas do volume, porque “nossa comissão está convencida de que tal ensino não encontra apoio nem na Bíblia nem no Espírito de Profecia”. Contudo, por deferência aos que criam de outro modo, a comissão resolveu mais tarde “que seria melhor omitir o assunto do livro, sem comentários, e deixar a questão aberta para estudo posterior sem estorvo nem obstáculo” (“Reports of the Committee on Revision of ‘Daniel and Revelation’ ” Min, Maio de 1945, pág. 4).” **Em Busca de Identidade, pág. 159.**

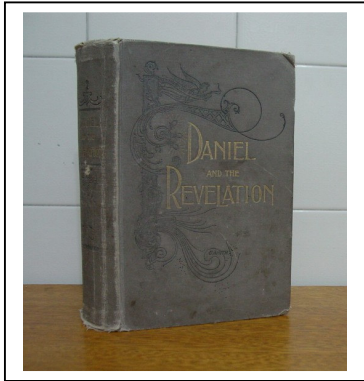
Percebe-se ao lermos o texto acima, que o livro de fato foi alterado, e que as mudanças claramente estavam relacionadas ao assunto da trindade, que sabemos hoje que os pioneiros nunca creram. É interessante observar que este mesmo livro, na página 16, confirma que se os pioneiros estivessem vivos hoje, não freqüentariam a Igreja Adventista do Sétimo Dia, pois não concordariam com as suas crenças... Leiam todo o capítulo.

Mas voltando ao livro de Uriah Smith, após marcar os textos removidos, os digitamos, e os irmãos poderão agora conferir com o livro atual, e tirar as suas próprias conclusões sobre a “limpeza” realizada e, sobretudo após o falecimento do autor! (1903) Particularmente cremos que estes homens, terão uma conta muito grande a acertar com o Deus Eterno, pois estamos falando exatamente do livro escrito pelos nossos pioneiros, explicando o Apocalipse versículo a versículo, e o versículo 19 do capítulo 22 diz claramente: **“e se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro”.** (KJ)

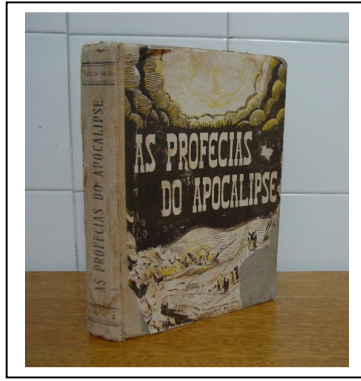
Estamos seguindo as instruções da senhora White, relativo à fatos como este: "Quando algum homem vier para mudar um alfinete do fundamento que Deus estabeleceu por Seu Espírito Santo, permiti que os homens de idade, que foram os Pioneiros no nosso trabalho, falem claramente, e permiti que aqueles que estão mortos também falem, re-imprimindo seus artigos em nossas revistas... Focalizai os raios da divina luz que Deus tem dado, como Ele tem guiado seu povo passo a passo no caminho da verdade. Essa verdade prevalecerá no teste do tempo e da experiência." **MS 62, 1905**

Para facilitar a procura estamos informando o capítulo e o versículo, em que página atual do livro a supressão ocorreu, qual o subtítulo correspondente, e uma pequena observação pessoal minha. A parte do texto mais fraca refere-se ao texto encontrado no livro atual (1991). Vamos aos textos retirados:

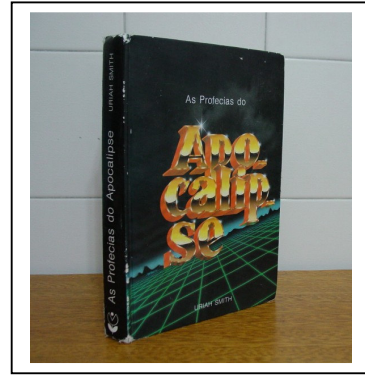
AS Profecias do Apocalipse



Edição de 1897



Edição de 1945



Edição de 1991

- Versículo 1:4, pág. 12 – **A procedência da bênção.** – (Somente Deus, o Pai, é Eterno)
“Da parte dAquele que era, e que é, e que há de vir”, ou que há de ser – expressão que significa completa eternidade, passada e futura, e aplicável só a Deus Pai. cremos que esta linguagem nunca é aplicada a Cristo. Fala-se dEle como de outra pessoa, distinta do Ser assim descrito.
- Versículo 1:5, pág. 13 – **E da parte de Jesus Cristo.** – (Cristo é o Filho de Deus)
Cristo não é, pois a pessoa que, no versículo anterior, é designada como sendo “Aquele que é, que era, e que há de vir”. São aqui mencionadas algumas das principais características que pertencem a Cristo. Ele é:
- Versículo 1:8, pág. 16 – **A resposta da igreja.** – (O verso 8 refere-se a Deus o Pai somente)
Os amigos e amantes de Cristo saúdam, como alegres novas de grande alegria, todas as declarações e sinais da Sua vinda.
Versículo 8 – Eu sou o Alfa e o Ômega, o principio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.

Aqui é introduzido outro interlocutor. Até aqui quem falou foi João. Mas este versículo não tem ligação com que o procede, nem com o que se segue. Deve-se determinar, portanto, quem aqui fala, pelos termos que se emprega. De novo encontramos a expressão: “que é, e que era, e que há de vir”, que já observamos referir-se exclusivamente a Deus. Mas perguntará alguém: A palavra Senhor não dará a entender que se trata de Cristo? Sobre este particular Barnes, apresenta a seguinte nota: “Muitos MSS, em vez de “Senhor”, tem “Deus”, e esta tradução é adotada por Griesbach, Titman e Hahn, e é hoje considerada como a tradução correta”. Bloomfield subentende a palavra Deus, e considera as palavras “o principio e o fim” como uma interpolação. Assim, com propriedade, termina a primeira divisão principal deste capítulo com uma revelação de Si mesmo, feita pelo grande Deus, como tendo uma eternidade de existência, passada e futura, e poder infinito, estando por isto em condições de realizar as suas ameaças e promessas, que nos tem dado neste livro.

- Versículo 1:9, pág. 17 – **E no reino.** – (Antes de entrar no reino teremos aflição, e não paz!)
Estas palavras têm dado motivo à não pequena controvérsia. Será que na realidade João queria dizer que os cristãos no estado presente se encontram no reino de Cristo, ou, noutros termos, que já se achava estabelecido nos seus dias o reino de Cristo? Se esta linguagem tem alguma

AS Profecias do Apocalipse

relação com o estado presente, deve tê-la num sentido muito limitado e acomodatório. Os que defendem a sua aplicação terrena recorrem geralmente a I Pedro 2:9 para provar a existência de um reino no estado presente, e para mostrar a sua natureza. Mas, como observamos o propósito do versículo 6, o reino literal dos santos ainda é no futuro. É por muitas tribulações que nos importa **entrar** no reino de Deus. Ato 14:22. Mas quando tivermos entrado no reino, cessou a tribulação. A tribulação e o reino não existem simultaneamente. Murdock, ao traduzir do siríaco este versículo, omite a palavra **reino**, e apresenta a seguinte tradução: “Eu João, vosso irmão, e companheiro na aflição e sofrimento que estão em Jesus o Messias.” Wakefield traduz assim: “Eu João, vosso irmão, e participante convosco em sofrer a aflição do reino de Jesus Cristo.” Bloomfield diz que pelas palavras **aflição** e **paciência** “são significadas aflições e perturbações que devem ser suportadas por causa e na causa de Cristo; e [reino] refere-se a que há de ser participante com eles no reino que lhes está preparado.” Diz ele que “o melhor comentário a esta passagem encontra-se em II Tim 2:12”, onde lemos: “Se sofrermos, **também** com Ele reinaremos.” De tudo isto podemos concluir com segurança que, posto haja um reino de graça no presente estado, o reino a que aludia João é o futuro reino de glória, e o sofrimento e paciência são preparatórios para a sua fruição.

- Versículo 2:7, pág. 29 – **A promessa ao vencedor.** – (A noiva é a Nova Jerusalém!)
Há muita boa razão para crer que a arvore da vida tenha sido levada da Terra para o céu. Em II Esdras 7:26 (Apócrifo) aparece esta linguagem: “Eis tempo virá em que estes sinais que te tenho dito hão de acontecer, e a esposa aparecerá, e ao vir há de ser vista **a que agora está retirada da terra.**” Há aqui uma alusão evidente “à esposa, a mulher do cordeiro” (Apoc. 21:9), que é a “santa cidade, a nova Jerusalém”(versículo 10; Gal. 4:26), na qual está a arvore da vida (Apoc. 22:2), que “agora está retirada da Terra”, mas que na devida época aparecerá, e será colocada entre os homens. Apoc. 21:2-3
Sobre este ponto, citamos o seguinte parágrafo da Sacred History, de Kurtz, pág. 50: ...
- Versículo 3:14, pág. 49 – **Isto diz o amém.** – (Jesus é o **Filho Único** de Deus, o Pai)
Cristo foi o agente pelo qual Deus criou todas as coisas, **mas que** o Filho veio à existência de uma maneira diferente, visto que é chamado o “unigênito” do Pai. Parece absolutamente impróprio aplicar esta expressão a qualquer ser criado no sentido ordinário do termo.
A censura que Ele traz contra os laodicenses é que são tíbios, e não são frios nem quentes.
- Versículo 4:14, pág. 49 – **Um universo purificado.** – (O Filho é **Gerado** e **NÃO** Co-Eterno)
Foram aniquilados, não como matéria, mas como seres conscientes e inteligentes; ficaram como se nunca tivessem existido. Obadias 16.
Ao Cordeiro, assim como ao Pai que está assentado sobre o trono, é rendido louvor neste cântico de adoração. Um grande número de comentadores viram aqui uma prova da eternidade de Cristo com o Pai; aliás, dizem eles, não se atribuiria aqui à criatura a adoração que pertence apenas ao Criador. Mas esta não é talvez a conclusão necessária. As escrituras em parte alguma falam de Cristo como de um ser criado, mas claramente afirmam que Ele foi gerado pelo Pai. (Ver comentários à Apoc. 3:14, onde demonstramos que Cristo não é um ser criado). Mas enquanto, como Filho gerado, não possuía com o Pai uma co-eternidade de existência pretérita, o começo da sua existência é anterior a toda obra da criação, em relação a qual Ele foi criador juntamente com Deus. João 1:3; Heb. 1:3. Não podia o Pai ordenar que se prestasse a tal ser adoração igual a Sua, sem se tratar de idolatria da parte dos adoradores? Ele elevou-o a posições em que é próprio ser adorado, e além disso ordenou que se lhe prestasse adoração, o que não teria sido necessário se Ele fosse igual ao Pai em eternidade de existência. O próprio Cristo declara que “como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim **deu** ao Filho ter a vida em Si mesmo.” João 5:26. O Pai “**exaltou-O** soberanamente, e **deu-lhe** um nome que é sobre todo o nome”. Fil. 2:9. E o próprio Pai diz: “E todos os anjos de Deus O adorem.” Heb. 1:6. Estes

AS Profecias do Apocalipse

testemunhos mostram que Cristo agora é objeto de adoração igualmente com o Pai; mas não provam que tenha com Ele uma eternidade de existência passada.

Voltando da gloriosa cena antecipada no versículo 13 aos acontecimentos que ocorrem ...

- Versículo 6:1, pág. 74 – **Os Sete Selos.** – (A distinção entre os Selos e as Trombetas)
Já notamos que o número sete significa nas Escrituras plenitude e perfeição. Os sete selos abrangem, portanto, toda uma classe de acontecimentos, até o fim do tempo de prova. Por isso, não se pode dizer, como pretendem alguns, que os selos se referem a uma série de acontecimentos que chegam talvez apenas até ao tempo de Constantino, e que as trombetas se referem à outra série de eventos desde aquele tempo em diante. As trombetas referem-se a uma série de acontecimentos que ocorrem ao mesmo tempo em que os acontecimentos dos selos, mas com um caráter inteiramente diverso. Uma trombeta é um símbolo de guerra; por isso as trombetas significam grandes comoções políticas que haviam de ocorrer entre as nações durante a dispensação cristã. Os selos representam acontecimentos de um caráter religioso, ...
- Versículo 6:4, pág. 75 – **Os Sete Selos.** – (A união da Igreja com o Estado)
Começaram a surgir erros e despontava a afeição pelas coisas do mundo. O poder eclesiástico buscava aliar-se com o secular. Como resultado produziam-se distúrbios e comoções. O espírito deste período atinge o seu auge quando chegamos ao tempo de Constantino, o primeiro imperador chamado cristão, cuja conversão ao cristianismo é datada por Mosheim em 323 DC – Ecclesiastical Commentaries.
Acerca deste período observa o Dr. Rice: Ele representa um período secular, ou a união da igreja com o estado. Constantino auxiliou o clero, que lhe ficou devendo muitos favores. Legislou para a igreja, convocou o concílio de Nicéia, e foi quem mais se salientou neste concílio. Constantino, não o Evangelho, teve a glória de derrubar os templos pagãos. Teve esta glória o estado, em vez de a igreja. Constantino foi louvado por ter feitos decretos contar alguns erros, mas foi mais além e até introduziu muitos outros erros e opôs-se a algumas importantes verdades. Levantaram-se controvérsias; e quando subiu ao trono um novo imperador, houve uma corrida do clero para arrastá-lo para o lado das suas opiniões particulares. Mosheim diz deste período: “Havia muita guerra e perturbação”.
Tal estado de coisas responde fielmente à declaração do profeta de que foi dado ao cavaleiro poder de tirar a “paz da Terra, de modo que os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.” O cristianismo deste tempo tinha subido ao trono e empunhado o emblema do poder civil.
- Versículo 13:15, pág. 192 – **11º Uma imagem da besta.** – (O Ecumenismo e o C.M.I.)
Justamente o que a profecia representa: uma imagem à besta papal, dotada de vida pela besta de duas pontas, para falar e agir com poder.
E eis que nos últimos anos veio a existência exatamente uma organização como esta, uma colossal união das principais igrejas deste país, constituindo a maior e mais poderosa federação jamais formada na história desta nação. A própria formação de tal federação, pondo de lado o que venha a sair dela, é um dos maiores acontecimentos dos tempos modernos; e, com efeito, é saudada pelos seus advogados como o maior acontecimento religioso desde a Reforma. E deve notar-se que esta federação foi formada para o expresso fim de controlar a política e a legislação do país, em favor dos interesses da Cristandade, tais como eles o consideram. Por tais meios esperam levar a nação a Cristo, e pela extensão do plano a outras nações, introduzir o reino de Cristo aqui na Terra. Isto é o que eles dizem.
Notemos brevemente os principais fatos relativos à formação e presente operação desta poderosa federação.

AS Profecias do Apocalipse

No ano de 1900 realizou-se na cidade de Nova – Iorque uma assembléia de ministros protestantes, na qual foi organizada a “Federação Nacional das Igrejas”. Isto foi seguido pela formação de federações estaduais e locais através do país.

Passado dois anos, numa assembléia da organização em Washington, D.C., foi nomeada uma comissão de correspondência, que enviou a todas as principais igrejas protestantes dos Estados Unidos uma circular sobre “A relação cooperativa das igrejas de Jesus Cristo, na obra cristã.” Era ali feito um apelo para a “concentração de esforços na extirpação dos males sociais, na purificação dos centros de vício e corrupção, na promoção da temperança, observância do domingo e moralidade geral.”

Em Novembro de 1905, o plano da federação geral estava suficientemente avançado para se poder realizar a primeira convenção geral na cidade de Nova Iorque, no Carnegie Hall, onde estavam presentes algumas centenas de delegados, representando todas as principais igrejas protestantes dos Estados Unidos. As denominações com 500.000 mil membros ou mais podiam enviar cinqüenta delegados à Conferencia, ao passo que as que tinham menos que 100.000 membros podiam enviar 5 delegados cada uma. Num discurso de boas vindas às igrejas de Nova Iorque e subúrbios, o Dr. R.S. MacArthur disse a que a conferência significava mais para a América e para o mundo do que qualquer outra jamais realizada.

Noutra reunião, ao ser considerado o relatório acerca da Federação, um orador (Dr. Dickey) disse: “Espero que um dos resultados práticos desta Conferência seja a organização de uma força que os transgressores da lei e os legisladores respeitem e atendam, quando se tratar de grandes questões de moral. O nosso evangelho é o cumprimento da lei. É nossa tarefa, em nome do nosso Supremo Rei, procurando o bem da humanidade, pedir aos governadores que respeitem a igreja.” E na reunião final da Conferência, o Bispo Hendrix, da igreja Episcopal Metodista, falou da nação como constituindo o último produto da igreja, e de Cristo como sendo o primeiro cidadão do mundo. “Cristo”, disse o bispo, “não é um Salvador estranho ao mundo, implicando uma separação dEle, mas o Salvador do mundo; e o reino de Deus deve vir pelos pacíficos processos da justiça cívica.”

Ao terminar esta convenção encontrava-se completamente constituída a federação, pronta a começar suas atividades nos negócios da igreja e do estado. Abrangia, segundo as declarações oficiais, 30 denominações, e 18.000.000 (dezoito milhões) de membros em comunhão com a igreja, representando um séqüito geral de 50 milhões de pessoas. O objetivo de suas operações pode ver-se pela seguinte declaração oficial, que citamos do plano da confederação:

4.º – “Assegurar às igrejas de Cristo uma ampla influência combinada em todos os assuntos que afetam a moral e a condição social do povo, de modo a promover a aplicação da lei de Cristo em todas as relações da vida humana.”

O poder desta federação eclesiástica far-se-á, portanto sentir “em todos os assuntos que afetam a moral e a condição social do povo”, e “em todas as relações da vida humana;” o que equivale a dizer que se fará sentir em tudo, em toda a parte, através da nação.

Em Dezembro de 1908, a primeira sessão da federação, que recebeu o nome de “Concilio Federal das Igrejas de Cristo na América” foi realizado em Filadélfia. Deram atenção a assuntos como estes: Dia Semanal de Instrução em Religião, Cooperação nas Missões Estrangeiras, Federações Estaduais, Federações Locais, a Igreja e o Imigrante, a Igreja e a Indústria Moderna, a Temperança, a Observância do Domingo, a Vida Familiar, e as Relações Internacionais. Quando foi tratado o tópico da observância do Domingo, ocorreu um inesperado incidente que levantou o véu da externa fraternidade cristã, e revelou que residia um espírito diferente no santuário interior do movimento, e provou que a teoria da unidade federal era fraca demais para suportar o esforço da execução. Uma comissão nomeada para apresentar ao Concílio resoluções sobre a observância do Domingo, apresentou o seguinte:

1.º – “É convicção do Concilio que se deva dar uma nova e mais forte ênfase no púlpito, na Escola Dominical, e em casa, à observância do primeiro dia da semana como dia sagrado, dia do lar, dia de repouso para todo o homem, mulher e criança.

AS Profecias do Apocalipse

2.º – “Que todas as transgressões dos requisitos e santidade do Dia do Senhor devem ser vigorosamente combatidas pela imprensa, pelas associações e alianças do Dia do Senhor, e por uma legislação tal que proteja e preserve este baluarte da nossa Cristandade Americana.

3.º – “Que nos alegramos na perspectiva da unidade de ação entre as varias organizações que lutam na América do Norte pela preservação do Dia do Senhor como dia de repouso e culto.” Evidentemente não se podia esperar que os Batistas do Sétimo Dia, que se tinham unido à federação, subscrevessem uma declaração como esta. Fez-se por isso um esforço para conservar a idéia fundamental de unidade e harmonia cristãs no Concílio, pela seguinte resolução cuja adoção foi proposta:

“Resolvido: Que nestas resoluções não há intenção de interferir com os irmãos representados conosco neste Concílio, que conscienciosamente observam o sétimo dia da semana em vez do primeiro dia de repouso e culto.” Mal terminou a leitura desta resolução e já um bispo metodista (o bispo Neely) estava de pé. “As pessoas as que se refere esta resolução”, disse ele, “não crêem no Dia do Senhor, mas em qualquer outro dia. Estas resoluções salientam o Dia do Senhor e não enfraquecer o que dizemos.”

O Rev. Wayland Hoyt fez uma entusiástica defesa da resolução, lembrando aos delegados que os Batistas do Sétimo Dia eram membros do Concílio e que o espírito de fraternidade requeria que suas convicções fossem respeitadas. Um dos delegados Batistas do Sétimo Dia, o Rev. A.E. Main, decano do seminário Teológico Alfred, N.Y., obteve a palavra e disse:

“Sabemos que representamos o menor grupo neste Concílio, e por isto agradecemos com gratidão que nos tenhais reconhecido e nos tenhais convidado para vos unirmos convosco, como sendo evangélicos e cristãos. Unimo-nos cordialmente convosco cordialmente na obra desta federação; e poderá ser que nesta cidade de amor fraternal, onde um Batista do Sétimo dia presidiu numa sessão do Congresso Continental – poderá ser que este concílio composto de professos irmãos favoreça uma legislação contrária a nós, e recuse dizer que somos livres quando estamos ombro a ombro convosco neste movimento?”

Mas a defesa da liberdade religiosa na federação não teve resultados. O sentimento do concílio opunha-se fortemente à resolução. E nos discursos feitos contra ela, fazia-se particular referencia aos observadores do Sábado do Sétimo Dia, como constituindo uma classe de pessoas e cuja atitude o Concílio não devia dar uma aparência de apoio. A resolução foi perdida por um voto decisivo.

Este incidente, entrado inesperadamente nas Atas da Conferência, revelou claramente o fato de que esta grande federação de igrejas está pronta a forçar a minoria religiosa em assuntos de ensino e prática religiosa. E assim sucede não por qualquer propósito ou desejo de parte de seus membros de serem intolerantes para com os outros, mas porque a intolerância é inerente à própria natureza do movimento que inauguraram. Alcançar poder foi a idéia primaria da federação; e o poder assim obtido – o poder do número – não é exercido para persuadir, mas para forçar. Há outro poder independente do numero – o poder da piedade – que convence da verdade as pessoas e as leva a unirem-se sobre a plataforma da verdade. Não é este poder que as igrejas procuram pela federação. O que obtiveram foi o poder de uma grande liga religiosa, um *trust* eclesiástico; e é da natureza de *trust* derrubar tudo o que se interponha no seu caminho.

Nesta federação, as igrejas não pretendem estar vinculadas “na unidade do Espírito” mas apenas estar confederadas, e o espírito desta união é um espírito muito diferente do divinamente designado por “Espírito da Verdade”. O Concílio Federal não deu ênfase ao valor da verdade; não o podia dar, desde que o próprio campo em que estava era o de pôr de parte as diferenças de crença religiosas entre seus membros, para obter o poder mundano de seus números combinados.

O confessado propósito da federação, oficialmente declarado, é para exprimir a “fraternidade e unidade católica da igreja cristã”. Apesar disso, o seu espírito intolerante não pode ser ocultado, mas dominou no Concílio em oposição com o seu professo espírito de fraternidade e unidade. E quando tal é a atitude deste grande *trust* religioso para com os que

AS Profecias do Apocalipse

estão com ele e trabalham para o seu avanço, pode compreender-se facilmente quão intolerante será para com a minoria religiosa a ele estranha.

E este grande *trust* religioso propõe-se exercer um completo monopólio religioso por todo o país. “Chegou a hora”, disse um orador exprimindo o sentimento da Conferência, “em que as igrejas podem e devem conhecer cada indivíduo em toda a comunidade tão exatamente como conhecem hoje os seus próprios membros...Torna-se assim possível, como já sucede em 2 Estados, anunciar o lema: Cada igreja é responsável por cada milha quadrada... A federação deve dar especial importância aos distritos de responsabilidades que estabelece. Quando estes cobrirem o Estado, e as igrejas apreciarem de tal modo a sua oportunidade e responsabilidade que cada igreja conheça a atitude de cada votante em assuntos morais e incansavelmente trabalhe por colocar cada um no lugar certo, operar-se-ão rápidas e permanentes reformas morais.”

Em resposta a pergunta se se pode apresentar neste país alguma coisa semelhante à “imagem” da besta papal, temos, pois diante de nós uma gigantesca organização eclesiástica de Protestantes, com poder para curvar o governo à sua vontade; intolerante para com seus próprios membros quando se trata da questão da observância do domingo; declarando por resolução o seu propósito de exaltar o descanso do primeiro dia da semana tanto pelo ensino como pela legislação, e recusando por voto respeitar as “convicções, direitos e privilégios daqueles... que religiosa e conscienciosamente observam o sétimo dia em vez do primeiro dia da semana;” pretendendo expressamente constituir uma federação de todas as igrejas cristãs, não reconhecendo, portanto, fora dela nenhuma igreja como cristã; e propondo-se monopolizar a obra religiosa em cada milha quadrada do território Americano.

Não está uma organização assim preparada para tratar qualquer corpo de pessoas estranhas às suas fileiras do mesmo modo que o papado tratou os dissidentes e hereges nos dias do seu poder?

Na primeira reunião anual da comissão executiva da organização, realizada em Dezembro de 1909, em Louisville, Ky., o espírito intolerante da organização apareceu de novo num discurso do presidente, o bispo Hendrix, da Igreja Metodista Episcopal, em que falou das denominações mais pequenas como “fragmentos” e disse que, se elas alguma vez tiveram qualquer missão real, já realizaram os seus objetivos e deviam agora ser incorporadas nos agrupamentos maiores. “Dentro de poucos anos”, disse ele “toda a obra religiosa feita pelos Protestantes nos Estados Unidos deve ser feita por não mais que oito ou dez das maiores denominações.”

- Versículo 13:15, pág. 212 – **13º A obra final.** – (O início da Lei Dominical)

Foram impostas multas e custas na importância de 2.269 dólares, e os presos perfizeram aproximadamente o número de mil e quinhentos dias de cadeia e trabalhos forçados.

Mas o sentimento público não apoiaria tais medidas, e os chefes do movimento, notando este fato, decidiram aguardar até que tenham a opinião pública a seu favor. Por isso nos últimos anos tem havido menos casos de perseguição por causa da não observância do Domingo; mas, entretanto tem sido feita uma vigorosa campanha pelo partido da Reforma Nacional, a “Sede Internacional da Reforma”, de Washington, D.C., a “Aliança do Dia do Senhor”, a “Liga Americana do Domingo”, a “A liga Protetora do Domingo da Nova Inglaterra”, e outros corpos religiosos, tendo em vista a criação de sentimentos da lei do Domingo entre o povo, e nas legislaturas estaduais, e especialmente na legislatura nacional em Washington. Nos últimos anos, a contenda entre os amigos e inimigos da liberdade americana, tem sido concentrada no esforço de confiar ao Congresso a legislação religiosa pela promulgação da lei dominical para o Distrito de Columbia. Tem sido repetidamente apresentadas propostas neste sentido, e tem-se insistido até ao presente (1911) sobre uma proposta apresentada pelo senador Johnston, de Alabama, em 1908, sendo prontamente reapresentada na primeira oportunidade depois de cada insucesso; e a intenção parece ter sido de fazer pressão sobre o Congresso até que aquele corpo atenda à pretensão, e seja dado o passo decisivo que dê a causa da legislação religiosa o apoio do governo nacional. Isso fortalecerá imensamente o movimento dominical por toda a nação, e

AS Profecias do Apocalipse

a obra de obter e impor a legislação dominical nos governos estaduais será realizada muito mais facilmente.

Nesta altura será proveitoso olharmos para o progresso do movimento em favor da lei do Domingo neste país durante os últimos anos. Apresentamos a seguir alguns dos acontecimentos mais notáveis que marcam o seu avanço.

- 1890 – A proposta de Breckenridge em favor do Domingo para o distrito de Columbia apresentada ao Congresso. (6 de Janeiro)
- 1892 – O Congresso ordena que as portas da Feira Mundial de Chicago fechem ao Domingo, e decide que o Domingo é o Sábado do Decálogo. (19 de Julho)
- 1900 – O Congresso faz uma doação de 5 milhões de dólares para a exposição Luisiana de Comércio, em S. Luís, sob a condição de fecharem as portas no Domingo “durante todo o prazo da feira”. (1 de Março)
- 1904 – Uma proposta em favor do Domingo para o distrito de Columbia é aprovada na Câmara dos Representantes. (6 de Abril)
- 1906 – O Congresso faz uma doação de 250 mil dólares para a Exposição de Jamestown, com a condição de fechar ao Domingo. (29 de Junho).
- 1906 – A proposta para a observância do Domingo no distrito de Wadsworth é aprovada pela Casa dos Representantes. (11 de Junho).
- 1908 – Samuel Gompers anuncia oficialmente que a Federação Americana do Trabalho não só é favorável ao repouso dominical, mas que lhe compete “se não mais, pelo menos tanto como a qualquer outro corpo organizado de homens e mulheres, a forçar a observância do Domingo como dia de repouso.” (14 de Setembro).
- 1907-1908 – Dez propostas para a observância do Domingo apresentadas durante a primeira sessão do sexagésimo Congresso. (5 de Dezembro a 1 de Maio).
- 1908 – Proposta distrital para a observância do Domingo apresentada por Johnston no Senado. (15 de Maio).
- 1909 – A proposta de Johnston é reapresentada no Senado. (22 de Março).
- 1910 – A proposta de Johnston é reapresentada no Senado. (17 de Janeiro). A proposta de Johnston passa pelo Senado. (27 de Janeiro). A proposta de Johnston é apresentada na Casa. (28 de Janeiro)
- 1911 – A A proposta de Johnston é apresentada em sessão especial do Congresso. (6 de Abril).
- Considerada favorável pela Comissão Distrital do Senado. (22 de Maio).
- Proposta de Mann, “Para a observância do Domingo nos Correios”, apresentada na Câmara dos representantes. (16 de Maio).

Tudo isto é exclusivo da legislação do Domingo nos estados da União e noutros países. Durante o ano de 1910 houve legislação ou agitação semelhante sobre o mesmo assunto na Califórnia, Connecticut, Indiana, Illinois, Kansas, Kentucky, Maine, Pennsylvania, e nos países do Canadá, Inglaterra, Itália, Portugal, Rússia, Espanha e Suíça.

A maior parte dos governos estaduais tem as suas constituições, e nas suas “Leis de Direitos de Cidadãos”...

- Versículo 13:15, pág. 213 – **13º A obra final.** – (Consequências do decreto Dominical)
...porque a imagem fará com que sejam mortos todos os que não a adorem.
Há cerca de 50 anos que tem sido esperado e predito um período de perseguição. Começou agora, e está demonstrando assim que a aplicação da profecia tal como é apresentada nesta obra é correta; mas não se segue de maneira alguma que todos, e não pensemos que mesmo muitos, sejam mortos, embora se promulgue um decreto para este efeito; porque, como profeta noutro lugar declara: Deus não abandona o seu povo neste terrível conflito, mas concede-lhe uma completa vitória sobre a besta, sua imagem, seu sinal e número do seu nome. Apoc. 15:2. Lemos ainda, acerca deste poder terrestre, que fez com que todos recebessem um sinal em sua mão direita ou em suas testas; todavia o capítulo 20:4 diz que o povo de Deus *não* recebe o

AS Profecias do Apocalipse

sinal, nem adora a imagem. Se, pois “faria” que todos recebessem o sinal, e todavia não o recebem todos atualmente, de igual modo o fazer que sejam mortos todos os que não adorem a imagem não significa necessariamente que suas vidas hajam de ser atualmente tiradas.

Mas como pode ser isto? Resposta: Está evidente que sobre aquela regra de interpretação segundo o qual os verbos de ação as vezes significam apenas a vontade e o esforço para realizar a ação em questão, e não o comprimento atual da coisa em questão. O falecido Jorge Bush, professor de Hebraico e Literatura Oriental da Universidade de Nova - Iorque, torna claro este assunto. Em suas notas sobre Êxodo 7:11, diz:

É uma regra de interpretação de uso freqüente na exposição dos sagrados escritos, que os verbos de ação por vezes significam apenas a *vontade* ou o *esforço* para realizar a ação em questão. Assim em Ezeq. 24:13 “*Purificarei* e tu não te purificaste”, isto é: Esforcei-me, empreguei os meios, estive em cuidados para te purificar. João 5:44: : Como podeis vós crer que *recebeis* honra uns dos outros?”, isto é, procurais receber. Rom. 2:4: “A benignidade de Deus te leva ao arrependimento”, isto é, procura ou tende, levar-te. Amós 9:3: “E se *ocultarem* aos Meus olhos no fundo do mar”; isto é, ainda que ainda que desejam ocultar-se. I Cor. 10:33: “*Agrado* a todos”, isto é, procuro agradar. Gal. 5:4: “Vós os que vos *justificais* pela lei”, isto é, que procurai justificar-vos. Sal. 69:4: “Aqueles que me *destroem* são poderosos”, isto é, que procuram destruir-me, como se lê na versão inglesa. Atos 7:26: “E *levou-os* à paz,” isto é, desejou e esforçou-se; ou, na versão inglesa, “quis levá-los à paz”.

O mesmo se dá na passagem que está diante de nós. Faz que todos recebam um sinal e que sejam mortos todos os que não adorarem a imagem; isto é, querem, propõem-se, esforçam-se por fazer isso. Faz este decreto; promulga esta lei, mas não é capaz de executá-la; porque Deus se interpõe em favor do seu povo; e então os que guardaram a palavra da paciência de Cristo são guardados de cair na hora da tentação, segundo Apoc. 3:10; então os que fizeram de Deus o seu refúgio são guardados de todo o mal, e nenhuma praga se aproxima do local de sua habitação, segundo o Salmo 91:9-10; então todos os que foram achados escritos no livro serão libertos, segundo Daniel 12:1; e, vencedores da besta e da sua imagem, serão remidos dentre os homens, e elevarão um cântico de triunfo perante o trono de Deus, segundo Apoc. 14:2-4.

Pode ainda objetar-se: Sois demasiado crédulos em supor que as massas do nosso povo, grande parte da qual é indiferente ou inteiramente oposto às pretensões da religião, possam ser levadas a favorecer tanto a observância religiosa do Domingo, que se promulgue uma lei geral em seu favor. Respondemos: A profecia tem de ser cumprida, e se a profecia exigir esta revolução, ela realizar-se-á.

Receber na testa o sinal da besta é, segundo compreendemos, dar o assentimento da mente...

- Versículo 13:18, pág. 214 – **O número do seu nome.** – (Até esta época o Papa **era** a Besta!) Somando estes números temos 666.

Há razão para crer que este título tenha sido antigamente inscrito na coroa do papa. É dado o seguinte testemunho sobre este ponto pelo Pastor D.E. Scoles, de Washburn, Mo.:

“Encontrei dois homens que declararam ter visto esta coroa específica; e o seu testemunho está tão perfeitamente de acordo de que estou convencido de que o que eles viram é verdade. O primeiro foi o Senhor De Latti, observador do Sábado que antes fora padre católico, e tinha passado quatro anos em Roma. Visitou-me quando eu era pastor em St. Paul, Minn., há alguns anos. Mostrei-me o meu folheto: “O Selo de Deus e o Sinal da Besta”. Imediatamente ele me disse que a inscrição não estava bem colocada em minha ilustração. Afirmou que por diversas vezes a tinha visto no Museu do Vaticano, e fez uma descrição pormenorizada e exata de toda a coroa. Quando foi publicado o meu folheto, eu ignorava a disposição das palavras da inscrição latina, e por isso, na ilustração da coroa, colocara-as numa única linha. O irmão De Latti imediatamente indicou o erro e disse que a primeira palavra da frase estava na primeira parte da coroa, a segunda palavra na segunda parte, e a palavra **Dei** se encontrava na divisão anterior da tríplice coroa. Também explicou que as duas primeiras palavras eram em pedras preciosas de cor escura, ao passo que a palavra **Dei** era inteiramente composta de diamantes.

AS Profecias do Apocalipse

Durante uma campal que realizei em Webb City, Mo., apresentei o assunto “O Selo de Deus e o Sinal da Besta”. Usei cartas para ilustrá-lo, sendo uma a descrição da coroa como o irmão Latti a havia descrito. Estava presente um ministro presbiteriano, o Rev. B. Hoffmann, e depois de eu descrever a coroa, ele falou publicamente e fez uma declaração à congregação, dizendo que quando estava estudando em Roma para o sacerdócio, vira esta mesma coroa, e notara a sua inscrição, e que a palavra *Dei* era composta de 100 diamantes. Falei com ele e visitei-o em sua casa, e convenci-me pela sua descrição de que esta era a mesma coroa que o irmão Latti tinha visto, mas que tem sido negada por muitos. Pedi-lhe então uma declaração por escrito, e ele apresentou-me a seguinte:

Àqueles a quem possa interessar:

Tem esta o fim de certificar que nasci na Baviera, em 1828, fui educado em Munich, e cresci como católico romano. Em 1844 e 1845 estudei para o sacerdócio no Colégio Jesuíta, em Roma. Durante o serviço da Páscoa de 1845, o Papa Gregório XVI trazia uma tríplice coroa sobre a qual estava a inscrição, em pedras preciosas, *Vicarivs Filii Dei*. Disseram-nos que havia uma centena de diamantes na palavra *Dei*; as outras palavras eram de outras espécies de pedras preciosas de cor mais escura. Havia uma palavra em cada coroa, e não todas na mesma linha. Eu estava presente à cerimônia e vi a coroa distintamente, e observei-a cuidadosamente.

Em 1850 converti-me a Deus e ao Protestantismo. Dois anos mais tarde entrei no ministério da igreja evangélica, mas depois me uni a igreja Presbiteriana, da qual sou hoje pastor reformado, tendo estado no ministério durante cinquenta anos.

Fiz esta declaração a pedido do pastor D.E. Scoles, visto ele afirmar que alguns negam que o papa jamais usou semelhante tiara. Mas eu sei que usou, porque vi na sua cabeça. Sinceramente vosso no serviço cristão

B. H. Hoffmann

Webb City, Mo., 29 de Outubro de 1906

O seguinte extrato é de uma obra intitulada *The Reformation*, com a data de 1832:

“Sr. A.”, disse Miss Emmons, “eu vi um fato muito curioso outro dia; preocupou-me e vou mencioná-lo. Recentemente alguém presenciava uma cerimônia na igreja de Roma. Ao passar junto dela o papa, esplendidamente vestido com as vestes pontificiais, os seus olhos fixaram as seguintes letras cheias e cintilantes na frente de sua mitra: **Vicarivs Filii Dei**, o Vigário do Filho de Deus. O seu pensamento como um relâmpago transportou-se ao texto de Apocalipse 13:18. “Queres procurar a passagem”? A Sra. A. Alice abriu o Novo Testamento e leu: “Aquele que tem entendimento calcule o numero da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis”. Ela calou-se, e Miss Emmons prosseguiu: “Ele tirando um lápis e marcando no seu livrinho as letras numerais da inscrição apareceu o número 666”.

Temos aqui, com efeito, o numero de um homem, do “homem do pecado”; é e pouco singular, talvez providencial, ele ter escolhido um titulo que mostre o caráter blasfemo da besta, e ter feito inscreve-la na sua mitra, como que se marcando com o número 666. O extrato precedente refere-se sem duvida a um papa particular numa ocasião particular. Outros papas podem não usar o titulo engastado na mitra, como ali se afirma. Mas isso não afeta a aplicação a todos eles; porque todos os papas pretendem ser o “Vigário de Cristo” (Ver Standard Dictionary, na palavra “vicar”), e as palavras latinas acima apresentadas são as palavras que expressam este titulo, na forma “Vigário do Filho de Deus”; o seu valor numérico é 666.

Assim termina o capitulo 13, deixando o povo de Deus com os poderes da Terra em

- Versículo 18:3, pág. 287 – **Cronologia deste movimento.** – (Não acusar irmãos do C.M.I.!) Que se apresentam com garantia acadêmica aos melhores estudantes dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, o The Independent, N.Y., expoente de alta critica, referia-se as condições nas igrejas batistas e presbiterianas, com o anuncio de que “os hereges ocuparam o campo em

AS Profecias do Apocalipse

Chicago e Nova - Iorque”. Isto se mostrou pela ação dos seus ministros dessas cidades, recusando excluir do ministério adeptos das mais claras heresias. “Foi uma semana ruim para a velha guarda”, dizia o The Independent, “e estas ocorrências dão prova de uma poderosa mudança de opinião sobre questões de teologia nos últimos dez ou vinte anos.”

Continuando dizia o mesmo jornal: “A forte largueza de tolerância que estes corpos batistas e presbiterianos estão mostrando, é pouco menos que revolucionária. Começou com o estudo científico e histórico da Bíblia. Quando descobrimos que o mundo tinha mais de 6.000 anos; que não houve nenhum dilúvio universal há quatro mil anos; que Adão não foi feito diretamente do pó e Eva de sua costela; e que a torre de Babel não foi a ocasião da diversificação das línguas, avançamos de mais para parar. O processo do criticismo estendeu-se do Gênesis ao Apocalipse, sem temor da maldição que vem no fim do ultimo capítulo. Não podia parar com Moisés e Isaias; tinha de incluir Mateus, João e Paulo. Cada um deles tinha de ser joeirado. Já deixaram de ser tomados como inquestionáveis autoridades finais, pois que a inspiração plenária seguiu-se à inspiração verbal logo que o primeiro capítulo de Gênesis deixou de ser tomado como história verdadeira. Os milagres de Jesus tiveram de sofrer a prova da mesma maneira que os de Elias. A data e objetivo do evangelho de João tiveram de ser investigados tão historicamente, como a profecia de Isaias; e a conclusão da critica histórica teve de ser aceita sem consideração pelas antigas teologias. Chegamos exatamente a esta condição; e há repetidas provas de que ela marca uma época, uma revolução, no pensamento teológico. Isto é o conseguimos saber em Chicago e Nova-Iorque por meio de duas denominações militantes, como são a batista e a presbiteriana.

Com tão lamentável maneira de ver e sob a direção de tais homens, quanto levará ainda para ...

- Versículo 20:4, pág. 309 – **A exaltação dos santos.** – (Explicação omitida na versão atual) mensagem de Apocalipse 14.

Mas estes não são os que foram degolados pelo testemunho de Jesus, como dizem alguns que pretendem que os santos da ultima geração hão de ser todos mortos, pretendem que creiamos. A palavra traduzida por “*que*”, na expressão “e que não adoram a besta”, etc. mostra que aqui é introduzida outra classe de pessoas. A palavra é o pronome relativo composto, (hostis), e não apenas o pronome relativo simples, e é definida por Liddel e Scott: “Todo aquele que; qualquer; tudo aquilo que”; e por Robinson: “Alguém que; todo aquele que; tudo o que”. Como uma classe, João viu os mártires, e como outra, viu *aqueles* que não adoraram a besta e a sua imagem.

Para que ninguém diga que traduzimos esta passagem por “e os que não adoraram a besta”...

- Versículo 22:13, pág. 334 – **A árvore da vida.** – (Omitido, pois Jesus é Deus na Trindade!) Cristo aplica aqui a Si próprio o nome de Alfa e Ômega. Aplicada a Ele, a expressão deve ser tomada num sentido mais limitado do que quando aplicada ao Pai, como sucede no capítulo 1:8.

Cristo é o Alfa e o Ômega, o principio e o fim, do grande plano da salvação. O versículo 14, como notamos atrás, apresenta a linguagem de Cristo. **Os mandamentos de que Ele fala são os de Seu Pai. Só se pode referir aos dez mandamentos dados no monte Sinai.**

Comentário Extra: O texto acima, realçado e sublinhado, parece estar fora do contexto na versão atual, mas quando olhamos a original, de 1897, comprovamos que naquela época a IASD utilizava outra versão de Bíblia, a versão King-James. E nesta versão, o verso de Apoc. 22:13 começa assim: “Bem aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à arvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.”

Este é um dos textos adulterados nas versões oriundas do catolicismo, existem centenas deles! Ainda não definimos o ano correto em que a IASD trocou da versão da Bíblia, mas a versão deste livro foi impresso em Portugal no ano de 1945, portanto a troca deve ter sido anterior a esta data. Se informe mais sobre este fato, leia o artigo: A HISTÓRIA DA BÍBLIA.DOC

Parecer de Ellen White

Podemos facilmente contar os primeiros portadores de responsabilidades que ainda vivem [1902]. O Pastor [Urias] Smith ligou-se a nós no princípio da obra de publicações. Trabalhou junto a meu marido. Esperamos ver sempre seu nome na Review and Herald, encabeçando a lista dos redatores, pois assim deve ser. Os que iniciaram a obra, que combateram bravamente quando a peleja era árdua, não devem agora perder sua firmeza. Devem ser honrados pelos que entraram para a obra depois de haverem sido suportadas as privações mais duras.

Tenho muita simpatia para com o Pastor Smith. Meu interesse vital na obra de publicações está ligado ao dele. Veio ele ter conosco quando jovem, possuindo talentos que o habilitavam para ocupar o lugar de redator. Como me alegro quando leio os seus artigos na Review - tão excelentes, tão repletos de verdade espiritual! Dou graças a Deus por eles. Sinto forte simpatia pelo Pastor Smith, e creio que seu nome deve sempre aparecer na Review, como redator principal. Assim Deus deseja. Quando, alguns anos atrás, seu nome foi colocado em segundo lugar, senti-me ferida. Quando de novo foi colocado em primeiro lugar, chorei, e disse: "Graças a Deus!" Oxalá fique sempre ali, como Deus deseja que continue, enquanto a mão direita do Pastor Smith puder empunhar uma pena. E quando faltar o poder de sua mão, que seus filhos escrevam, ditando-lhes ele. Sou grata por poder ainda o Pastor [J. N.] Loughborough usar suas habilitações e dons na causa de Deus. Ele tem ficado fiel em meio de tempestades e provações. Com o Pastor Smith, meu esposo, irmão Butler, que se nos uniu mais tarde, e vós [S. N. Haskell], pode ele dizer: "O que era desde o princípio, ... o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo." I João 1:1-3. **Mensagens Escolhidas, Vol. 2, pág. 226**

Informações e consultas aos livros originais podem ser solicitadas através do e-mail:
silas_jakel@hotmail.com

Silas Jäkel
Outubro de 2007